



Programa de Acção

Apresentado no âmbito da candidatura de



Amílcar Falcão

A Director da FFUC

A criação de conhecimento e a sua disseminação constitui a principal missão da Faculdade. A materialização deste objectivo passa pela intervenção da instituição ao nível da formação (pré-graduada, pós-graduada e contínua) e investigação no âmbito das ciências da saúde. A prestação de serviços especializados nas suas mais variadas vertentes, pelo seu carácter histórico e humanista, consubstancia a relação da instituição com a sociedade civil.

(artigo 3.º dos Estatutos da FFUC – Missão)



Enquadramento

Quando alguém decide apresentar uma candidatura ao cargo de Director de uma Unidade Orgânica da Universidade de Coimbra deverá fazê-lo com espírito de missão. Do mesmo modo, tem de assumir *a priori* que cumprirá e fará cumprir os Estatutos que regem a Unidade Orgânica que se propõe liderar.

Quando decidi apresentar a minha candidatura a Director da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (FFUC), consciente das responsabilidades que tal cargo encerra, entendi ser meu dever contribuir activamente para uma mudança tranquila na forma como a FFUC se deve posicionar no âmbito da Universidade de Coimbra.

As recentes alterações introduzidas pela tutela relativamente às regras de funcionamento do Ensino Superior, consubstanciadas no Regimento Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) e recente versão do Estatuto da Carreira Docente Universitária (ECDU), conduzem inevitavelmente a uma modificação profunda das “regras do jogo”. E isso é tão válido para Universidade como para as diferentes Unidades Orgânicas que a constituem. A FFUC não pode nem deve resistir à mudança. A mudança deve ser encarada como uma oportunidade e não como uma ameaça.

Qualquer mudança exige que se ponderem bem os passos a dar. Implica, desde logo, a aceitação implícita e explícita da necessidade de se mudar. Implica que se ouçam as pessoas que terão de protagonizar a mudança. Implica novas ideias e soluções inovadoras. Implica visão estratégica para planificar o médio e o longo prazo. Implica uma gestão participada, democrática, e transparente. Implica qualidade, sem que se criem exclusões ou excluídos. Implica gerir adequadamente os recursos humanos. Implica promover uma política científica coerente e sólida. Implica a criação de condições para uma política educativa racional e capaz de cumprir os seus objectivos. Implica a existência de uma política cultural ambiciosa. Implica novas formas (e fórmulas) de gestão orçamental. Implica, em suma, a criação de um ambiente de trabalho que permita a realização profissional de todos os seus intervenientes, a criação, e a difusão do conhecimento.



Grandes orientações estratégicas

Defendo que a FFUC seja uma Unidade Orgânica da Universidade de Coimbra na verdadeira acepção da palavra: integrada e integrante. Temos de nos integrar em tudo o que são desígnios comuns da Universidade de Coimbra, sem resistências, sem medos e sem conflitos. Temos de nos sentir integrados na Universidade de Coimbra, sendo respeitados, consultados, e aceites em igualdade de circunstâncias pelos nossos pares. Temos de saber marcar a diferença pela qualidade, pela inovação e pela dinâmica que formos capazes de imprimir aos nossos projectos. Temos de evitar ser falados por aspectos menos positivos e que nos diminuem aos olhos da comunidade universitária.

Considero que estrategicamente existe a necessidade absoluta de aumentar a auto-estima de todos os intervenientes na nossa comunidade (estudantes, docentes e funcionários). Os estudantes têm de sentir que valeu a pena terem escolhido a FFUC para a sua formação universitária. Os docentes têm de sentir que existe igualdade de oportunidades e regras bem definidas, quer no que diz respeito aos seus deveres, como aos seus direitos. Os funcionários têm de sentir que são parte integrante de todo o processo educativo e que não é possível atingirmos a excelência sem o seu contributo. Acontece que isso só é possível havendo uma integração plena de todos os recursos humanos, estimulando-se dessa forma um desejável espírito de corpo. Nesse sentido, **é estrategicamente fundamental que, mesmo não estando reunidas as condições para a transferência dos serviços administrativos (actualmente sediados no Palácio dos Melos) para o Edifício Central, haja a capacidade de acolher a maioria desses elementos nas actuais instalações da FFUC ainda que a título provisório.** A situação que se vive desde o início do ano é absolutamente inaceitável por criar problemas logísticos, mas é especialmente preocupante por transmitir a sensação de que existe um “poder” que se encontra distante das suas “tropas” ou, se quisermos, da “realidade”. É dos livros que os desafios se ganham quando quem lidera dá o exemplo e está junto dos seus. É assim que tem de ser e é assim que comigo será.



Num estado de direito, gostemos ou não, a lei é para cumprir. Pois cumpra-se!

A FFUC viu os seus novos Estatutos publicados em Diário da República (2.^a série; N.º 103; 28 de Maio de 2009), tendo entrado em vigor a 04 de Junho de 2009. É urgente que todos os preceitos estatutários sejam transpostos da letra de lei para a prática diária. Assim, **é estrategicamente relevante que se proceda à alocação dos docentes em função dos Grupos definidos no artigo 24.º dos Estatutos da FFUC e que se proceda no mais curto espaço de tempo à eleição dos respectivos Coordenadores. Esta tarefa tem de ser realizada respeitando a vontade de todos.** Ninguém em circunstância alguma se verá colocado num Grupo ao qual não queira pertencer (embora a algum tenha de pertencer). Aliás, é meu compromisso que este processo não será objecto de uma decisão colegial do recém-eleito Conselho Científico, e muito menos de uma decisão unilateral do Director. **Pela sua natureza, e como não foi operacionalizado em tempo oportuno, é meu compromisso que a concretização deste objectivo institucional passe pela convocação de uma Reunião Geral de Doutores (RGD).** Assim teria sido se esta alocação tivesse ocorrido durante o processo transitório dos anteriores para os actuais estatutos (o Conselho Científico à época reunia todos os Doutores), e assim será, não obstante ter sido entretanto alterada a constituição desse órgão de gestão. Importa ainda referir que mais do que cumprir a lei, está neste caso em causa o normal funcionamento da FFUC. É assim no âmbito pedagógico, nomeadamente no que diz respeito à distribuição do serviço docente. É assim no âmbito científico, permitindo a eventual apresentação de provas de agregação e abertura de concursos para o provimento de vagas (existentes e injustificadamente não ocupadas).

Ainda no âmbito das grandes orientações estratégicas, **penso ser absolutamente decisivo que se discuta e aprove um plano estratégico a 10 anos que defina objectivos bem precisos relativamente a aspectos como a oferta pedagógica, investigação, progressão na carreira, prestação de serviços à comunidade, entre outros.** A FFUC não pode navegar à vista. Temos de saber o que queremos, para onde vamos e de que forma conseguiremos alcançar os objectivos institucionais que nos propusermos materializar.



Linhas de acção

Como Director da FFUC comprometo-me a cumprir e fazer cumprir os Estatutos da FFUC. O significado prático deste compromisso passa pelo exercício, na sua plenitude, das competências atribuídas ao Director por via estatutária. No entanto, passa também por permitir que os restantes órgãos possam exercer as suas competências de forma autónoma, promovendo-se dessa forma uma cultura de transparência de processos e funcionamento democrático. Ser ouvido e saber ouvir, dar-se ao respeito e ser respeitado, são traços de personalidade que um Director deve possuir. Só assim ele terá capacidade de liderar as transformações necessárias à evolução da Instituição. A formação de uma equipa sólida e competente é condição essencial para a implementação da política de reformas que urge fazer na FFUC. Procurar a colaboração e o envolvimento de todos é absolutamente decisivo. No entanto, cabe ao Director assumir as consequências relativamente às decisões que vierem a ser tomadas. Comigo não haverá lugar para equívocos. Como Director **saberei assumir as minhas responsabilidades.**

As Pessoas

Nasci e cresci no seio de uma família onde o respeito pelo próximo foi a base de uma educação sólida e profundamente humanista. Habituei-me a respeitar todos os credos e opiniões. Posso não estar de acordo, mas sei ser meu dever respeitar as opiniões dos outros. É verdade que nem toda a gente assim age. Quando isso acontece, também me ensinaram que devemos então explicar que todos temos direitos e deveres. Serve esta breve introdução para dizer que **entendo que nada se faz contra as pessoas, mas sim com as pessoas.**

Dos estudantes esperamos que sejam empenhados, críticos, solidários e cooperantes. Queremos que se envolvam e que se sintam envolvidos. São eles a razão de ser pela qual a FFUC existe. Ouvir o que têm para nos dizer é determinante para que se sintam parte da nossa comunidade. É verdade que são jovens e irreverentes. Nós, os menos jovens, também já fomos jovens. É nosso dever saber separar a utopia da



realidade. Quando os estudantes se queixam, devemos perceber que se sentem desconfortáveis. Quando fazem propostas que vão de encontro aos seus anseios, devemos ouvi-los. Quando propõem soluções para os seus problemas, temos obrigação de as estudar. Depois, utilizando argumentos válidos, é nosso dever aceitar o que é aceitável, reformular o que tiver de ser ajustado, e rejeitar o que ultrapasse o limite do razoável (nomeadamente tudo o que estiver relacionado com constrangimentos legais). Tudo isso pode ser conseguido se tivermos presente que os estudantes são pessoas inteligentes, sabem o que querem, e têm o futuro à sua frente. É este o meu compromisso para com eles: são o centro da nossa actividade, pelo que não podem deixar de ser ouvidos relativamente às decisões estratégicas que venham a ser tomadas.

Dos funcionários esperamos dedicação e empenho. Todos têm de sentir que o seu contributo é decisivo para o sucesso do processo educativo. Todos têm de sentir que o seu contributo é reconhecido. A avaliação do desempenho tem de ser objectiva e justa. Nem todos terão a classificação de excelente (até porque a lei assim não o permite), mas todos podem ambicionar ter classificação de excelente. Cabe a cada um fazer o seu melhor e esperar pelo reconhecimento do seu trabalho (que será proporcional ao seu contributo para o bem comum). No entanto, mais do que palavras, são necessários actos. Assim, é meu compromisso criar condições de equidade e igualdade de oportunidades. Do mesmo modo, é fundamental que as condições de trabalho sejam melhoradas na medida do possível. Ouvir os funcionários é por isso decisivo para que os níveis de motivação aumentem. Anular a actual separação física será, seguramente, um passo importante nesse sentido. Mas não chega. Terão em mim um Director aberto ao diálogo e disposto a tudo fazer para que os funcionários se sintam felizes. Queremos qualidade e, por isso, a todos tem de ser pedido um esforço nesse sentido. No entanto, que fique claro que a cultura do rigor não deve ser misturada com a cultura do terror.

Dos docentes esperamos que voltem a sentir o pulsar da FFUC. Para que isso aconteça, é imprescindível que cada um reactive o seu próprio pulsar. É notória a desmotivação existente entre o corpo docente. É preocupante que essa desmotivação se tenha instalado. Mas também é justo dizer que existem razões subjacentes que permitem



encontrar as motivos para tal atitude comportamental. A ausência de objectivos estratégicos, a ausência de projectos motivadores, a ausência de progressão na carreira, a ausência de uma liderança forte mas dialogante, a ausência de fóruns de discussão, a ausência do normal funcionamento da Instituição. **Inverter esta situação não é fácil, mas é possível. Mas só é possível com o contributo de todos.** Questões como a avaliação dos cursos, a avaliação do desempenho docente, a política científica, entre outros, devem ser pontos de partida para uma inversão comportamental que se faça reflectir na produtividade de todos nós. Como Director pedirei a todos os colegas que deixem de contar quantos anos faltam para se afastarem da FFUC, mas sim o que ainda podem por ela fazer antes que isso tenha naturalmente de acontecer.

Por último, uma palavra para quem por cá passou e já não convive diariamente connosco. **Aos ex-estudantes devemos pedir que nos ajudem a construir o futuro sem cometermos os mesmos erros do passado.** Estou certo que conseguiremos uma enorme adesão e que a FFUC muito terá a ganhar com isso. **Aos ex-funcionários e ex-docentes, devemos sempre (e sem excepções) expressar-lhe o nosso reconhecimento pelo contributo prestado à FFUC.** Comigo todos os nossos ex-companheiros de trajecto terão o tratamento com a dignidade que merecem. É verdade que as pessoas passam e a Instituição fica, mas também é certo que não tenho por hábito falar para as paredes. **Para mim, quem mais conta são as pessoas.**

O Ensino

Embora discorde em absoluto do conceito que um professor universitário é fundamentalmente um professor e só depois um investigador, o que aliás contraria o próprio ECDU (o actual e o anterior), a verdade é que os estudantes devem merecer a nossa maior atenção. São eles o centro gravitacional da nossa actividade e a principal razão de ser da nossa existência enquanto Instituição. **Saber o que pensam os actuais e os antigos estudantes é algo de fundamental para corrigirmos os nossos próprios erros.** Os antigos estudantes têm de ser os nossos maiores embaixadores. Os actuais estudantes têm de sentir saudade quando passarem à condição de antigos estudantes. Esta é uma cultura Coimbrã que, infelizmente, se tem vindo a esbater no que à FFUC



diz respeito. Inverter esta situação está nas nossas mãos. Como o podemos fazer? Entre outras coisas a FFUC tem de:

- ▶ Reformular a estrutura curricular dos seus cursos (corrigindo o que já se sabe não estar bem e melhorando o que de positivo existe);
- ▶ Reajustar o Regulamento Pedagógico da FFUC (adaptando-o desde logo às orientações gerais da Universidade de Coimbra);
- ▶ Ter nos Coordenadores de Curso alguém que aumente a eficiência do processo educativo (docência, pedagogia, conteúdos, avaliação, etc.);
- ▶ Criar oferta pedagógica de 3º Ciclo;
- ▶ Adoptar uma política de diálogo proveitoso junto da Reitoria e restantes Unidades Orgânicas;
- ▶ Criar mecanismos que permitam avaliar a empregabilidade dos estudantes que frequentam os nossos cursos.

Como Director procurarei que o diálogo entre estudantes e docentes seja aprofundado e profícuo. Na maioria dos casos a resolução dos problemas não pode ter como contra-argumento problemas orçamentais. Não é uma questão de dinheiro, é uma questão de mentalidade.

Elevar a qualidade do ensino será uma preocupação que terei sempre presente enquanto Director da FFUC. Gostava de poder falar na busca de um ensino de excelência, mas quem me conhece sabe bem que não costumo adoptar expressões politicamente correctas só por uma questão de oportunidade. Entendo que estamos ainda longe de poder ambicionar a um ensino de excelência na FFUC. No entanto, isso não nos deve retirar o estímulo para tentarmos atingir um patamar de excelência. Claro que para isso aconteça temos de nos saber posicionar. Ouvir os estudantes e ter o apoio dos funcionários é um bom princípio. Devemos monitorizar e racionalizar a oferta formativa (pré-graduada, pós-graduada e contínua) e, sempre que possível, promover a criação de sinergias. Mas, mesmo assim, continuaríamos a pecar naquilo que é o mais importante: a atitude e entrega dos nossos docentes à causa pedagógica.



Temos de mudar a nossa mentalidade relativamente à importância da componente pedagógica no desempenho das nossas funções enquanto professores universitários. É verdade que a investigação tem sido especialmente valorizada para efeitos de progressão na carreira. É igualmente verdade que não podemos deixar de produzir cientificamente, até porque o próprio ensino se iria ressentir disso mesmo. No entanto, até pelas alterações entretanto introduzidas no sistema, temos de estar conscientes que a promoção do sucesso escolar e a implementação do sistema de qualidade pedagógica (SGQP), entretanto aprovado pelo Senado, conduzem a uma auto-avaliação e avaliação externa a que nenhuma Faculdade da Universidade de Coimbra poderá escapar. Assim, num futuro próximo todos estaremos sujeitos a uma avaliação do nosso desempenho pedagógico. Logicamente que os resultados desse desempenho terão depois o seu reflexo na avaliação global do desempenho de cada um de nós. Não se trata de dar aulas há dez, vinte ou trinta anos. Trata-se de cumprir essa função com rigor e profissionalismo. Existe da minha parte o compromisso de **estimular o cumprimento das boas práticas pedagógicas, encarando a avaliação (interna e externa) como um processo participativo e serenamente construído pelos diferentes actores da vida escolar.**

A Investigação

O valor da investigação é inestimável para qualquer Instituição Universitária. O resultado da investigação gerada pelas diferentes Universidades é, por isso, condição necessária para o seu prestígio e afirmação nacional e internacional. A Universidade de Coimbra, não obstante o longo caminho que tem pela frente, tem, ainda assim, vindo a trilhar passos seguros relativamente à sua política de investigação. Acontece que o sucesso da Universidade de Coimbra em matéria de investigação será sempre o espelho daquilo que as suas Unidades Orgânicas forem capazes de produzir. A FFUC, enquanto Unidade Orgânica da Universidade de Coimbra, deve evitar posicionar-se na zona cinzenta que poderá levar à sua identificação como sendo o “elo mais fraco”. Não penso que o seja, mas tenho receio que o possa vir a ser. **Criar uma política científica interna capaz de demonstrar competitividade externa é algo que está nas nossas**



mãos. É nossa obrigação contribuir para que isso aconteça e é meu compromisso que tudo farei para que assim seja.

Embora o ECDU seja explícito quanto à necessidade e liberdade individual que cada um de nós deve ter para implementar projectos de investigação autónomos, permitam-me duvidar que uma atitude isolacionista nos conduza a padrões de competitividade externa ao nível do que seria desejável. Por outro lado, temos de saber gerir de forma clara e positiva o papel da investigação na progressão da carreira docente universitária.

O futuro do financiamento da investigação passará pela capacidade de criar clusters de conhecimento e parcerias público-privadas. Esta realidade é tanto mais palpável se tivermos em consideração a falência do financiamento via FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) a médio-prazo. Para ultrapassar esta situação, a FFUC tem de se organizar, criar massa crítica e desenvolver uma política de médio/longo-prazo que deverá projectar-se, no mínimo, para aquilo que deverão ser as traves mestras para a próxima década. **Não há soluções milagrosas, mas tem de haver diálogo, discussão, redefinição de estratégias e vontades individuais, no sentido de conseguirmos criar condições de, por exemplo, acedermos a programas europeus que envolvam equipas multidisciplinares onde, assertivamente, a FFUC seja capaz de se envolver.**

Relativamente à componente da investigação na progressão da carreira docente, temos de ter a capacidade de fazer uma auto-análise que nos conduza à identificação de métricas que permitam a cada um de nós saber, em concreto, como se deve posicionar para se apresentar devidamente apetrechado a futuros concursos. **Abrir concursos sem se conhecerem os critérios que irão ser decisivos para a classificação final já me parece grave. Abrir consecutivamente concursos em que os “critérios” mudam sem razão aparente, então isso parece-me absurdo.** É impossível que alguém possa estruturar um currículo sem saber com o que vai contar. Por isso, é meu compromisso criar condições para que atitudes discriminatórias deixem de ser a regra. E, no caso, nem me passa pela cabeça que possam existir excepções (dispensando a confirmação da regra).



Gostaria ainda de deixar uma palavra para a falta de aproveitamento que a FFUC faz dos recursos humanos que se encontram à sua disposição. Refiro-me em concreto à possibilidade de **inserir os nossos estudantes em projectos de investigação**. Creio que há espaço para isso na actual estrutura curricular. Perceber o que os estudantes e os docentes pensam sobre o assunto e a forma correcta de o fazer é algo que merece uma reflexão aprofundada no seio da FFUC. **Soluções casuísticas podem resultar traumáticas para os estudantes, penosas para os docentes, e negativas para a imagem da FFUC.**

A Prestação de Serviços

A prestação de serviços à comunidade tem de ser completamente reformatada. Quanto mais eficaz e abrangente, maior a afirmação das capacidades da FFUC e de quem por ela é formado. Assim, temos de saber o que fazer, como fazer e, igualmente importante, como vender o que soubermos fazer. Não temos de estar agarrados a lógicas economicistas, mas temos de ter a imaginação suficiente para criar condições de conseguir pelo menos que os custos (directos e indirectos) sejam cobertos pelas receitas geradas (directas e indirectas). É que é bom ter presente que o plano estratégico da Universidade de Coimbra prevê que as suas Unidades Orgânicas procurem fontes de receita extraordinárias para o seu próprio financiamento.

Temos neste momento uma prestação de serviços à comunidade que se apresenta desarticulada. **Criar uma estratégia global, promover a qualidade dos serviços prestados, racionalizar o seu funcionamento e retirar dividendos da sua existência (financeiros e/ou formativos), será uma tarefa prioritária da minha actuação enquanto Director da FFUC.**

Temos de procurar as oportunidades, dialogar com parceiros institucionais e reunir boas vontades. Temos de promover o empreendedorismo. Acredito que com imaginação podemos fazer mais e melhor. E é claro que, uma vez mais, estou absolutamente convencido que o sucesso desta reforma estará muito dependente das pessoas (estudantes, funcionários e docentes). Mas eu acredito nas pessoas.



A Imagem

A imagem da FFUC tem de ser drasticamente melhorada. Uma adequada planificação da forma como a imagem da FFUC é difundida coloca-nos numa posição muito vantajosa perante o olhar externo.

Temos de dar vida às novas instalações. Temos de possuir cartões de apresentação normalizados. Temos de ter papel timbrado e envelopes disponíveis para todos e que transmitam uma noção de organização e modernidade. Temos de deixar de ter vergonha (para não chamar outra coisa) do sucesso individual e colectivo dos nossos estudantes, funcionários e docentes. Outras Unidades Orgânicas por muito menos publicitam muito mais. Nós, perante distinções nacionais e internacionais, abafamo-las. E quando não as abafamos, antes as tivéssemos abafado. Temos de ter uma estratégia de comunicação para o exterior. Temos de saber articular de forma racional com o Gabinete de Comunicação da Universidade de Coimbra. Temos de ter intervenção directa na sociedade sempre que tal se justifique. Temos de expandir a nossa zona de influência, ganhando dessa forma dimensão que ultrapasse o já traumático estigma da universidade regional. Temos, portanto, muito para fazer para melhorar a imagem da FFUC. E, não nos enganemos, sem uma imagem coerente e bem tratada, escapam-se-nos pelos dedos muitas oportunidades. Refiro-me à atractividade que podemos ter relativamente a novos estudantes. Refiro-me à possibilidade de expandirmos a nossa oferta pedagógica para além do perímetro urbano de Coimbra. Refiro-me à possibilidade de irmos encontrar clientes para os nossos serviços muito para além da região centro. Refiro-me à colocação estratégica de *pivots* em locais adequados onde o poder é exercido. Tudo isto tem de ser concebido e executado com visão estratégica e sem pequenez de espírito. Todos beneficiaremos de uma imagem renovada, moderna e ambiciosa.

Criar uma Agenda Cultural é um dos meus compromissos caso venha a ser Director da FFUC. A formação universitária vai muito para além da frequência de um



curso. Se isto é verdade para a formação universitária em geral, é tanto mais verdade quando estamos a falar da Universidade de Coimbra. Por outro lado, a existência de uma Agenda Cultural permitirá “dar vida” às nossas instalações e transmitir para o exterior uma imagem de dinamismo e orgulho nas nossas raízes.

Estatutariamente não nos foi possível instituir o Museu da FFUC. É bom que se diga que a Assembleia Estatutária bem o tentou fazer, mas orientações Reitorais assim não o permitiram. De facto, como tem vindo a acontecer com outros serviços (de que a Biblioteca das Ciências da Saúde é disso um bom exemplo), a política da Universidade de Coimbra vai no sentido da concentração e não da dispersão deste tipo de iniciativas. Assim, não obstante a FFUC estar representada no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, existe um espólio que nos permite criar condições para alimentarmos uma Agenda Cultural que, entre outras iniciativas, permita a exposição de peças relacionadas com a nossa profissão. Sendo este um bom princípio, queremos no entanto ir um pouco mais longe. **Criar exposições temáticas, dinamizar tertúlias, promover conferências, e premiar o desempenho escolar, são algumas das iniciativas que serão implementadas comigo na qualidade de Director da FFUC.**

Abrir a FFUC à comunidade e trazer a comunidade à FFUC deve fazer parte da nossa forma de estar. Uma Agenda Cultural bem alicerçada pode constituir uma poderosa ferramenta de disseminação de conhecimento. Lembrar o nosso passado, dar a conhecer nosso presente, e projectar o nosso futuro, é algo que não devemos deixar que nos passe ao lado.

A Gestão

Nenhuma das áreas anteriormente abordada consegue resistir a uma gestão inadequada. É claro que a gestão financeira será aquilo que imediatamente nos vem à cabeça quando pensamos em gestão. É muito importante, mas é só parte daquilo que deveremos considerar como uma gestão integrada. Basta colocar um gestor financeiro a comprar reagentes e ver no que dá.



É para mim claro que temos de encarar a gestão da FFUC sob várias perspectivas, tendo apenas de enquadrar as diferentes medidas adoptadas naquilo que será a gestão financeira. Aliás, como é do conhecimento geral, a gestão financeira está cada vez mais centralizada nos serviços comuns. A nós resta-nos gerir da melhor forma os recursos financeiros que são colocados ao nosso dispor. E já não é pouco!

Iremos desenvolver políticas claras para uma adequada gestão pedagógica. O Conselho Pedagógico terá de ser interventivo e deverá criar condições de bom funcionamento institucional. Isso terá de ser conseguido com o contributo de todos os actores envolvidos. Exemplificando, provavelmente nunca conseguiremos ter horários que agradem na plenitude a estudantes, funcionários e docentes. Mas pelo menos devemos evitar ter horários que não agradem a ninguém. A procura de um equilíbrio corresponde ao meu compromisso nesta matéria.

Iremos desenvolver políticas claras para uma adequada gestão científica. O Conselho Científico tem o dever de se debruçar sobre a forma como a FFUC se deve orientar cientificamente quer relativamente à sua componente pedagógica, quer relativamente à sua componente de investigação. A FFUC deve melhorar o seu desempenho em ambas as vertentes, não só porque isso corresponde a uma atitude saudável de encontro com o futuro, mas também porque iremos ter processos de avaliação (interna e externa) que nos devem fazer repensar muitas coisas. Organizar e planificar um conjunto de matérias com uma visão de médio/longo prazo é algo que urge materializar, sob pena de vermos fugir o chão por debaixo dos nossos pés. Estimular o diálogo intra e extra-muros, procurar soluções justas e respeitar o que de bom existe é o meu compromisso nesta matéria.

Iremos desenvolver políticas claras para uma adequada gestão dos recursos humanos. Os processos de avaliação de desempenho devem ser encarados sem receios. O diálogo será sempre privilegiado. É inevitável que num qualquer processo de avaliação haja quem fique mais contente e quem não concorde com o resultado. Certo é que os critérios serão iguais para todos e que assiste o direito aos descontentes a pedirem a revisão do processo. Por outro lado, a progressão nas carreiras (docente e



não-docente) tem de ser alvo de ponderação. Não é admissível que existam vagas por ocupar. Mas também não é responsável que se abram vagas sem que haja pessoas em condições de as ocupar. Temos de ser capazes de encontrar critérios que valorizem de forma transparente as competências internas, sem qualquer violação da legislação em vigor. Também neste caso (e talvez até especialmente neste caso), uma política de médio/longo prazo terá de ser devidamente equacionada. Temos de cumprir a lei (que nos obriga a preencher vagas e a promover concursos transparentes) sem ferir as legítimas expectativas de quem dedicou toda a sua vida profissional à FFUC. Assumo o compromisso de promover a promoção na carreira sempre e quando fique para mim claro que ao abrir um concurso (carreiras docente e não-docente), criando expectativas internas, não estou precisamente a fazer o contrário.

Iremos desenvolver políticas claras para uma adequada gestão da prestação de serviços à comunidade. Criar objectivos específicos, aumentar e integrar a oferta, promover a qualidade e criar sinergias, são linhas gerais de orientação que devem estar presentes na nossa mente. No entanto, a prestação de serviços à comunidade tem de ser gerida tendo em consideração a necessidade de se identificar uma componente interna e uma componente externa. A componente interna deverá, em primeira análise, articular a prestação de serviços com a formação dos nossos futuros profissionais. Depois, toda a tecnologia disponível deve, em regime de prestação de serviços a custos controlados, ser disponibilizada para quem dela necessite no âmbito dos seus projectos de investigação. Ainda no âmbito da Universidade e Coimbra, mas já fora da FFUC, também deverá existir uma preocupação de contribuir para o bem comum. Finalmente, temos então a prestação de serviços para o exterior. Se a prestação intra-muros a custos controlados não deve tendencialmente ter um carácter lucrativo (embora também não possa haver um desperdício dos escassos recurso que são colocados ao nosso dispor), já a prestação de serviços para o exterior tem necessariamente de trazer uma mais-valia para a FFUC. Optimizar o que existe, alargar o leque da oferta, atrair potenciais interessados e desenvolver parceiras, serão linhas mestras daquilo que se pretende fazer. Conseguir colocar as ideias em prática e ter capacidade para procurar soluções imaginativas é o meu compromisso enquanto Director da FFUC.



Iremos desenvolver políticas claras para uma adequada gestão ambiental. Numas instalações como as nossas e tendo em consideração o tipo de trabalho laboratorial que lá se desenvolve, a adopção de uma gestão ambiental atmosférica e de resíduos deve ser um objectivo prioritário. Está em causa a segurança e a saúde de todos nós. No entanto, está também em causa o facto da FFUC não se dever integrar na lista de quem não respeita o ambiente. Promover a higiene e a segurança no trabalho, preservando o ambiente faz igualmente parte do meu compromisso para uma FFUC melhor.

É igualmente meu compromisso procurar dotar a FFUC de equipamentos que permitam diminuir a factura energética respeitando o ambiente. Refiro-me, naturalmente, à implementação de sistemas que aproveitem as energias renováveis (nomeadamente a energia solar). Procuraremos proceder à sua implementação aproveitando os apoios governamentais existentes para o efeito, dando assim um passo importante na auto-suficiência energética do edifício e constituindo-nos como um exemplo daquilo que deve ser uma instituição moderna com uma gestão ambiental sustentada.



Declaração de compromisso

Apresento-me como candidato ao cargo de Director da FFUC absolutamente consciente do desafio que isso representa e da responsabilidade que acarreta.

A minha vida profissional tem sido um somatório de desafios. Sem falsas modéstias, penso ter dado provas de estar à altura das responsabilidades e até das expectativas que em mim sempre foram colocadas. Já demonstrei que **sou alguém que se move dentro de critérios que primam pela justiça, igualdade de oportunidades, busca do diálogo, consensos e, fundamentalmente, bom senso.** O que me move é o espírito de missão e a necessidade intrínseca de contribuir para o bem comum. Para me candidatar ao cargo de Director da FFUC tive de resignar à minha posição de membro do Conselho Geral da Universidade de Coimbra. Fi-lo naquilo que considero serem os superiores interesses da FFUC. **Seja ou não eleito Director da FFUC, nunca me arrependerei de me ter disponibilizado para defender os interesses desta casa. É a minha casa. É a nossa casa. O seu futuro depende de nós e tem de ser construído por todos.**

Estou certo que saberei estar à altura do desafio e das responsabilidades.

Coimbra, 02 de Dezembro de 2009

(Prof. Doutor Amílcar Falcão)